Francisco da Costa participou, compondo e com certeza levando à cena peças alusivas, consoante os vários espécimes preservados no seu **Cancioneiro.** O teatro, que consta de sete autos religiosos, é o acervo literário de maior importância no conjunto da obra. Se a matéria lírica é da autoria incontestável de D. Francisco da Costa, o espólio teatral não apresenta as mesmas facilidades de identificação. Filiado ao teatro de tipo vicentino, notadamente às peças de Antônio Prestes, esta produção dramática do cativeiro é um caso inédito, não só na literatura peninsular, mas ainda na própria literatura universal. O **Cancioneiro,** conhecido até então pelo nome de **D. Maria Henriques,** filha de D. Francisco da Costa e sua primeira possuidora, "é um espêlho cristalino desta existência trágica, em todo o sentido kirkgaardiano do têrmo, e, como tal, digno de ser salvaguardado das injúrias do tempo" (p. XXVI).

Das 160 páginas que constituem a **Introdução** ao Cancioneiro, 25 são dedicadas ao exame da matéria poética no seu significado histórico e estético, na metrificação e nos fenômenos fonéticos e ortográficos. Acentuando a relativa importância do conteúdo epo-lírico da obra, o editor põe em evidência todavia o interêsse literário que oferecem as composições dramáticas representadas pelos cativos nas masmorras marroquinas. "Marido e pai cristianíssimo, o poeta traçanos, no seu **Cancioneiro,** um verdadeiro itinerário de ascese lírica, em duas fases, bem marcadas. A primeira, de caráter predominantemente afetivo e familiar. A segunda, de feição vincadamente religiosa. Aquela é comum a muitos poetas. Neste, os sentimentos afetivos revestem-se de uma tal sublimação espiritual, que denotam, no escritor, um coração desprendido, em suas afeições, de tôda a preocupação terrena, para se concentrar, apenas, no reflexo eterno e sobrenatural da vida" (p. CXXXII). "O teatro revela, sem dúvida, nestes autos, um grau invulgar de cultura filosófica e teológica, certo domínio da arte dramática, na destreza do diálogo, e, até, no sentido do cômico, sem os desbragamentos de Mestre Gil" (p. CXLIV).

Trabalho de méritos incontestáveis, acompanhado de 16 ilustrações, com levantamento das fontes manuscritas e impressas, um índice ideográfico e onomástico, e finalmente enriquecido com glossários de têrmos e expressões portuguêsas e espanholas, o seu texto vem seguido de substanciosas notas elucidativas, que fazem da obra um monumento da erudição literária portuguêsa. Está de parabéns o Rev. Dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos, que retirou de suas preocupações espirituais aquelas horas necessárias para a elaboração de um tipo de trabalho que o nosso tempo dificilmente chega a compreender.

S. SPINA

*

* *

HEYERDAHL (Thor). — **Aku-aku, o segrêdo da Ilha da Páscoa.** Tradução de Raul de Polillo. São Paulo, s. d. Edições Melhoramentos. 342 pp. Ilust.

O presente livro é, sob certo aspecto, a continuação daquele outro do mesmo Autor, **A expedição Kon-Tiki, 8000 quilômetros numa**

jangada através do Pacífico, em que êle procurou provar a possibilidade da colonização dos mares do Sul por embarcações americanas impulsionadas por correntes marítimas leste-oeste. Agora, com êste novo volume, dedicado principalmente à Ilha da Páscoa, procura o Autor demonstrar antropológica e arqueològicamente o povoamento da Polinésia Oriental por elementos oriundos do Perú. De fato, os dados apresentados mostram um paralelismo cultural impressionante entre as duas regiões. Se bem que o livro não seja pròpriamente de História é de leitura muito agradável e o recomendamos novamente, pois elucida vários assuntos relacionados com o povoamento da América pré-colombiana.

O livro resolve em grande parte o enigma das colossais estátuas da Ilha da Páscoa e de outras ilhas polinésicas, mostrando que numa certa época a Polinésia foi dominada por um povo de cabelos vermelhos e orelhas grandes, provàvelmente oriundo da região do lago Titicaca.

E. SIMÕES DE PAULA

*

* *

HAGEN (Victor W. von). — **A Estrada do Sol. O redescobrimento das estradas dos incas.** Tradução de Raul de Paulillo. São Paulo. S. d. Edições Melhoramentos. 267 pp.

O Autor dêste volume narra as peripécias duma emocionante expedição que percorreu mais de 800 quilômetros em péssimas estradas, procurando vestígios da "Estrada real dos incas", tendo às vêzes atingido a impressionante altitude de 4.500 metros. Com êsse livro podemos compreender como os incas, uma das nações ameríndias, dominaram tão vasta região andina e com só o puderam fazer pela manutenção de tão vasta rêde rodoviária. Encontramos na História exemplos de construção de estradas como estas, como as vias romanas, as estradas do Império de Dario, etc., mas nenhuma dessas estradas foi construída em tão alta altitude e vencendo tão grandes impecilhos geográficos como esta dos incas. E' uma realização que fala muito alto da capacidade cultural dêsse povo.

A narrativa, mui meritòriamente, se apoia nos cronistas espanhóis, principalmente em Pedro Cieza de Léon, que a viu ainda em pleno funcionamento, descrevendo os pontos de repouso dos corredores, centros de abastecimento, etc. Se essa rêde proporcionou aos incas o domínio de vastas regiões andinas, também por outro lado propiciou a penetração dos conquistadores ibéricos.

Êste volume lê-se com muito interêsse e talvez nos diga alguma coisa de perto, pois a Estrada do Sol chegava até a bacia amazônica e talvez nos últimos contrafortes andinos se tenha dado a suprema resistência à invasão espanhola.

A abundante ilustração mostra ainda vários trechos da estrada, obras de arte, como as que vêm na Europa — na Itália principalmente — quando examinamos os restos das vias romanas.

E. SIMÕES DE PAULA